

VISÃO DO CORREIO

Sair da briga é mais difícil

Mais uma vez, como tem sido recorrente desde o último dia de fevereiro, os ímpetos imperiais de Donald Trump colocam o resto do mundo em suspense, particularmente no que diz respeito aos rumos da economia global. No intervalo de 24 horas, o presidente estadunidense anunciou um bloqueio naval próprio no Estreito de Ormuz e a cobrança de taxa de 20% sobre o valor da carga para os navios que cruzem a via marítima com petróleo e derivados — para, na sequência, revogar a medida, por inviável.

Nesse ínterim, Washington foi bombardeada pela reação de aliados perplexos com a ideia de vir a pagar pedágio justamente para a potência que enviou seu poderio aeronaval ao Golfo Pérsico em nome de assegurar o livre trânsito por um gargalo crítico para o abastecimento energético mundial. Passados quatro meses da ofensiva americano-israelense contra o Irã islâmico, Europa e Ásia se veem ainda diante da incerteza quanto a uma cadeia de fornecimento estratégica para o funcionamento de sua economia.

Não vêm de ontem ou anteontem os sobressaltos provocados pela conduta errática do presidente dos EUA — desde o primeiro mandato, entre 2017 e 2021. Multimilionário, talvez bilionário, com fortuna construída na selva do mercado imobiliário, Trump se notabiliza por abordar o tabuleiro geopolítico como quem enfrenta os rivais em uma partida do conhecido jogo infanto-juvenil conhecido por aqui como Banco Imobiliário.

Quatro meses de combates e escaramuças com o Irã, herdeiro de uma civilização milenar que é berço do xadrez, bastaram para expor a pobreza de planejamento e estratégia por parte da maior

potência militar e (ainda) econômica do planeta. A cada dia que passa, a condução da guerra pela Casa Branca assume a forma de uma sucessão de erros, aparentemente interminável.

Mas não são apenas os Estados Unidos que pagam a conta pelos vaivéns e pelas ações impulsivas determinadas pela Casa Branca. Nem o próprio presidente, embora tenha no horizonte uma eleição legislativa da qual pode sair para a segunda metade do mandato em minoria em ambas as casas do Congresso. Uma condição que o jargão político de Washington designa com a expressão implacável do “pato manco”.

Além do próprio futuro político, Trump coloca em risco a estabilidade da economia internacional. Seus rompantes intempestivos no cenário crítico do Golfo Pérsico — que ele parece desconhecer solenemente — ameaçam deflagrar uma crise expressa em montanha-russa nos mercados e inflação espalhada pelo globo, em ondas concêntricas. Aí reside a apreensão, compartilhada nos quatro quadrantes, diante de mais dois anos (e algo além) ao sabor dos humores de um governante instável e mal informado, mas inflexível no uso errático dos poderes que tem em mãos.

O zigue-zague no campo de batalha atesta que o senhor do exército confronta, com atraso talvez funesto, uma máxima que os adolescentes aprendem a reconhecer ainda na vida escolar: é infinitamente mais fácil entrar em uma briga do que sair dela. Mesmo quando reconhece oportuna a retirada, não basta ao agressor baixar a guarda. Afora o adversário direto, estão na contenda aliados de ambas as partes, com posições a defender e ferimentos a remediar. Cada qual, naturalmente, defenderá os próprios interesses.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. » E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Tornozeleira rosa

Os políticos deveriam ser preocupar mais em apresentarem projetos de lei para a educação de meninos e meninas, desde o ensino fundamental, para aprenderem que é crime ofender e agredir mulheres. Além disso, são bem-vindos projetos para que o Estado conceda meios de tratamento psicoterapêutico para os agressores após o cumprimento da pena restritiva de liberdade. Talvez, não resolva a curto prazo, mas essas medidas seriam mais válidas do que a ideia de que agressores usem tornozeleira rosa.

» Myriam Reis
Brasília

Servindo-se do mandato

Os políticos precisam entender que a política deve ser uma ferramenta para servir ao povo, e não meio de enriquecimento ilícito para si próprio e sua família. Quando um representante eleito passa a viver para se servir do mandato, ele trai a confiança do eleitor. Isso é o que acontece hoje com os nossos políticos. Para que um país se desenvolva, é preciso que os políticos saibam que a função deles é servir ao povo, e não o contrário. No discurso, os candidatos querem servir ao povo, mas, na realidade, querem servir-se do povo.

» José de Sousa
Brasília

Cerco aos Bolsonaro

Moraes aperta cerco ao clã Bolsonaro, mostra reportagem do **Correio Braziliense** na edição de 14 de julho. Então, há um cerco aos Bolsonaro? Muito estranho que, a menos de três meses da eleição, um candidato esteja sendo cercado e cerceado para descobrirem razões para negar o registro de sua candidatura ou cassar-lhe o mandato ou declará-lo inelegível. Será o modelo da Venezuela reeditado aqui?

» Roberto Doglia Azambuja
Asa Sul

Primeira fake news

Para Hélio Santos, “a Lei Áurea foi a primeira grande fake news do Brasil”. Ele é ativista e professor, que teve lançamento de seu livro *14 de Maio: lições de resistência ao racismo* em junho. Ele afirma que “vivemos um momento de racismo a céu aberto, com altas doses de supremacismo branco”. Tudo está vinculado a categorias sociais, envolvendo, no caso das mulheres, a predominância de empregadas domésticas. É uma classe geralmente iletrada e com todo o seu tempo de vida envolvido no atendimento a famílias abastadas. Saem de casa de madrugada, pois moram na periferia das cidades. Filhos em creches — quando há. Trata-se de um viés trágico — e abafado — de falta de direitos trabalhistas. Este mês ganhou destaque o caso de uma doméstica por 55 anos nessa função, sem salário ou qualquer outro direito. Outro caso semelhante foi descoberto, há mais tempo, em Santa Catarina, servindo à família de um desembargador por décadas. Nos anos de 1980, conheci uma serviçal, de 12 anos de idade, que cuidava da casa de uma família aqui e, nas férias, ia com eles ao Rio, onde cuidava da limpeza do apartamento e das refeições. Quando

Editora: Carmen Souza // carmensouza.df@dabr.com.br
opiniao.df@dabr.com.br || 3214-1157

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Senado aprova PEC classificada de pauta-bomba, que terá custo de quase R\$ 28 bilhões aos cofres públicos: lembrando que esse mesmo Congresso cobra responsabilidade fiscal do governo atual.

Marcelo Borges — Brasília

Pauta-bomba? Isso se chama conquista. Bomba são os escândalos do Master e do INSS e todos os auxílios e regalias que os políticos recebem por aí.

Nayane Barreto — Brasília

Festa junina: STF não gostou do correio elegante enviado por Jair Bolsonaro.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Os institutos que vendem pesquisas nos “supermercados eleitorais”, estão apavorados com medo de serem desmascarados pelo “Selo Acurácia”, a ser instituído pelo TSE.

Jose Ailton de Brito — Brasília

America first: as tarifas impostas por Trump a alguns produtos brasileiros provavelmente indicam os setores em que somos mais eficientes e competitivos.

Itiro Iida — Asa Norte

A final da Copa do Mundo não poderia ser melhor: Espanha X Espanha II (Argentina)

Milton Córdova Júnior — Vicente Pires

voltavam da praia, o almoço já devia estar pronto, as camisas arrumadas e as panelas lavadas.” Senhor Deus dos desgraçados. Onde estás, senhor Deus?”

» Thelma Oliveira
Brasília

PL da Misoginia

Diariamente, mulheres são mortas, abusadas, agredidas, tudo isso porque naturalizaram a violência contra a mulher. O PL da Misoginia não é sobre liberdade de expressão, religião ou sobre perseguir os homens. É sobre combater o discurso de ódio direcionado às mulheres que está cada vez mais crescente. É sobre combater aqueles que incentivam a violência contra a mulher. Quem não compactua com essas ações, não precisa se preocupar com o projeto de lei.

» Elisa Cristina
Brasília

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine			
(61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.			
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie			
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp			
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS D.A.

D.A. Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br